



Fernando Vilela extrai a sua poética do trânsito entre as várias linguagens plásticas. Mas não encara esse trânsito de modo apenas temático ou metafórico. A evolução do seu trabalho tem mostrado, justamente, que a habilidade para trabalhar separadamente com a xilogravura, a fotografia, a escultura, a ilustração e a pintura pode cavar uma forma híbrida entre elas, desde que feitas as devidas traduções de meios e escalas. Fernando é um artista que desenvolve a sua sensibilidade a partir da gravura, um meio artesanal e delicado, mas tem, ao mesmo tempo, grande fascinação pela brutalidade impura da cena urbana. Nasce daí uma pesquisa plástica ambiciosa, decidida a construir, pedra por pedra, pontes entre o afeto artesanal e a impessoalidade da reprodução mecânica, entre a subjetividade artística e o anonimato da vida urbana, ou ainda, entre os delicados veios da madeira, sugerindo porosidade e profundidade, e o plano chapado e impenetrável da empena-cega.

O artista já havia testado essa passagem construindo grandes gravuras escultóricas dobráveis, como se fossem “livros-bicho” (em referência ao famoso trabalho de Lygia Clark). Nota-se aí um esforço em retirar a gravura da escala doméstica, assimilando a vocação espacial da arte pós-minimalista ao incluir o espaço da galeria e o corpo do espectador no ciclo de significação da obra. Mas se ali a obra era objetual, aqui as grandes xilogravuras saltam surpreendentemente das paredes em vigas de madeira pintadas de preto que invadem o ambiente, nublando a distinção entre plano e espaço. Seu prolongamento tridimensional na sala, as vigas podem também ser vistas como as matrizes das gravuras, pré-existindo a elas.

E como se trata de encontrar uma forma híbrida, Vilela acerta ao fundir as técnicas sobre um suporte único. Captando fotograficamente a presença vertiginosa de enormes massas urbanas (viadutos, pontes, empenas), o artista imprime essas imagens em grande formato sobre papel japonês e grava superfícies negras sobre elas, criando regiões de sobreposição em que a relação entre opacidade e transparência se mostra, paradoxalmente, muito delicada. No conjunto, o olhar que mira a vertigem e a aceleração da cidade através de planos instáveis é abafado por massas escuras porém transparentes, que dão lentidão e profundidade às cenas, espacializando-as no mesmo momento em que retardam o seu movimento. Na dobra simbólica entre gravura e fotografia, uma “terceira margem” da cidade se insinua.

Guilherme Wisnik

## FERNANDO VILELA

# TROMBETAS TSUNAMI

abertura 17 de novembro de 2010 às 20h  
de 18 de novembro a 11 de dezembro de 2010

galeriavirgilio

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 426 - São Paulo SP  
55 11 3061.2999  
segunda a sexta das 10 às 19h/ sábado 10h às 17h  
[www.galeriavirgilio.com.br](http://www.galeriavirgilio.com.br)

### Músicos participantes

Ivan Vilela e Maurício Pereira (performance)  
Ivan Garro e Kako Guirado (instalação sonora)

### Produção, impressão e montagem

Carina Tiyoda (assistente), Cleber Alexsander, Zé Maria Oliveira, Pedro Oliveira, João Garcia, Valdir Flores Teixeira, Reginaldo Flores Teixeira e Jurandi Inhuma.

Apoio Insign, Usina Sonora, Studio Gaia.

### Agradecimentos especiais

Stela Barbieri, Leo, Nina, Paulo Celso, Maria Célia, Beto Vilela, Marina Bitelman, Guilherme Wisnik, Cacá Machado, Celso Massola (Insign), Renato Hirsch (Insign), Amauri Botelho, Izabel Pinheiro, Camila Thire, Adalberto Ayres e Júlio Rotondi.

[www.fernandovilela.com.br](http://www.fernandovilela.com.br)



Sem título, 2010 xilogravura e fotografia sobre papel japonês, 90 x 210 cm

### Tsunami interior

É como um vulcão. Tanto faz! Água ou fogo.

A pressão do que se quer parir, expressar do que se vive por dentro.

Tsunami interior é a sede e fome de infinito que jorra para dentro.

Ó ser humano! Que bom seria terminar de uma vez por todas esta sede e fome, na travessia definitiva, no mergulho final desta vida tão frágil - embora cheia de esperança - pela paz final, no encontro definitivo com a Unidade, com a Transcendência.

### Tsunami exterior

Cataclisma da natureza, passagem de renovação, como o dilúvio nas metáforas das religiões. Ó Noé que acreditou nas palavras do Altíssimo e construiu a sua arca!

Todo ser humano passa pelos desafios dos tsunamis. Ou fica morto/vivo, ou vai em frente na busca do seu destino, na realização do seu mito pessoal.

Paulo Celso de Moura Silva